

**EDIÇÃO DA CORRESPONDÊNCIA REUNIDA DE MÁRIO DE ANDRADE:  
HISTÓRICO E ALGUNS PRESSUPOSTOS**

Marcos Antonio de MORAES\*

**Resumo:** O projeto *Correspondência reunida* de Mário de Andrade, sob minha coordenação, no Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo, levanta questões relacionadas ao trabalho arquivístico e editorial. Este artigo pretende refletir sobre a complexa natureza da carta como objeto de pesquisa, historiar as tensas relações do autor de *Macunaíma* com a sua correspondência, assim como ponderar sobre procedimentos metodológicos de edição de documentos epistolares.

**Palavras-chave:** Mário de Andrade, Correspondência, Arquivos de escritores, Edição.

**THE PUBLICATION OF THE COLLECTION OF MÁRIO DE ANDRADE'S CORRESPONDENCE:  
DESCRIPTION AND ASSUMPTIONS**

**Abstract:** The project *Collection of Mário de Andrade's correspondence* under my coordination at the Institute of Brazilian Studies of the University of São Paulo raises questions related to the archivist and publishing work. This article intends to reflect on the complex nature of the letter as an object of research, to historicize the tense relations of the author of *Macunaíma* with his correspondence, as well as to ponder on methodological procedures of the publication of epistolary documents.

**Key words:** Mário de Andrade, Correspondence, Writers archives, Publication.

### **1. Complexidade.**

Philippe Lejeune, na crônica “A quem pertence uma carta?”, coligida em *Pour l'autobiographie*, desvela a complexa natureza das mensagens epistolares: “A carta, por definição, é uma partilha. Tem diversas faces: é um objeto (que se troca), um ato (que coloca em cena o ‘eu’, o ‘ele’ e os outros), um texto (que se pode publicar)...”<sup>1</sup>. Embora o estudioso francês da autobiografia privilegie em seu artigo questões éticas e

---

\* Marcos Antonio de Moraes – Professor Doutor do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da F.F.L.C.H. – USP – São Paulo – SP – Brasil. e-mail: [marcosmoraes@uol.com.br](mailto:marcosmoraes@uol.com.br)

patrimoniais ligadas à publicação de correspondência (assunto no qual os três aspectos aludidos mostram-se intimamente imbricados), o enunciado proposto sugere instigantes desdobramentos. Em torno de cada uma dessas perspectivas (carta/objeto; carta/ato; carta/texto) orbita uma constelação de assuntos, valores simbólicos e indagações.

Vista como *objeto* cultural, a carta nos remete ao suporte e a seus significados, assim como à história das condições materiais da troca epistolar; enseja a discussão acerca de sua guarda/conservação em arquivos públicos e particulares, bem como as condições de acesso. A qualidade e a cor do papel, timbres, monogramas, marcas d'água (filigrana), assim como os instrumentos da escrita, espelham códigos sociais, entremostrando a mão – classe, escolaridade, formação – de quem escreve. Sobrescritos, selos e carimbos postais nos levam ao funcionamento das instituições que colocam em trânsito essa forma de comunicação escrita<sup>2</sup>. Na qualidade de *objeto*, a carta também se presta à apropriação/transfiguração artística e à exploração econômica, quando não se anula sob a forma de fetiche na mão de colecionadores avaros. Enquanto *ato*, no campo semântico da representação teatral, a carta coloca “personagens” em “cena”. O remetente assume “papéis”, ajusta “máscaras” em seu rosto, reinventando-se (“encenação”) diante de seus destinatários. “Ato”, igualmente, devido a seu caráter performativo: a mensagem põe em marcha pensamentos, projetos, afeições. A carta como *texto* interessa à retórica, à filologia e aos estudos linguísticos; atrai também a atenção das mais diversas áreas do conhecimento, da história à psicologia (e psicanálise), da sociologia e filosofia às artes em geral, das ciências exatas às biológicas, olhares que desejam captar testemunhos e convicções, fundamentos artísticos e científicos, experiências vividas ou imaginadas. Os estudos culturais privilegiam essa voz da intimidade, atravessada por ideologias, vincada por (auto)censuras e ações afirmativas. Na teoria e nos estudos literários, a carta/texto tanto pode ser “material auxiliar”, ajudando a compreender melhor a obra e a vida literária, quanto escritura na qual habita a “literariedade”.

## **2. Potencialidades.**

Sob a mira, a carta nos estudos literários. A correspondência de escritores abre-se, normalmente, para três fecundos campos de pesquisa. Pode-se, inicialmente, recuperar nas missivas a expressão testemunhal. Ações, confidências, julgamentos e impressões espalhados pela correspondência de um escritor evidenciam uma

psicologia singular que, eventualmente, desdobra-se na criação literária. É, assim, território fértil para estudos biográficos, biografias intelectuais e perfis, dirigidos a ampla (e diversificada) gama de leitores. Entretanto, na (auto)biografia desenhada no tecido epistolar pululam contradições. A carta atualiza-se invariavelmente como *persona* e discurso narcísico; a “verdade” que enuncia – a do sujeito em determinada ocasião, movido por estratégias de sedução – é datada e cambiante.

Uma segunda possibilidade de estudo do gênero epistolar procura lançar luz sobre a movimentação nos bastidores do sistema literário. Nesse sentido, o empenho na divulgação de um projeto estético, as divergências entre grupos e os comentários sobre a produção literária e artística contemporâneas aos diálogos contribuem para que se possa compreender que a cena literária (livros, periódicos e alterações públicas) tem raízes profundas nos “bastidores”, onde situam-se as linhas de força do movimento.

O terceiro veio de interesse localiza no gênero epistolar os “arquivos da criação”, o “laboratório”, a “caixa registradora”. Efetivamente, como bem sinalizou o crítico francês José-Luis Diaz em “Qual genética para as correspondências?”, nas cartas de escritores podem residir momentos da elaboração de uma obra literária: o embrião do projeto, as diversas reformulações (contando, eventualmente, com julgamentos do interlocutor), o debate sobre a recepção crítica da obra, favorecendo, muitas vezes, outras reelaborações<sup>3</sup>. O texto literário pode, ainda, surgir ao correr da pena epistolar, caso se tome em consideração, por exemplo, o testemunho de Manuel Bandeira, dirigindo-se a Mário de Andrade, em 23 de março de 1926: “Acabei uma carta assim. Depois vi que era um poema e mandei pro Dante [Milano] com o título de ‘Madrigal monóptico em ritmo inumerável’. Por caçoada. Mas aquilo deve se chamar ‘Madrigal tão engraçadinho’, não acha?”<sup>4</sup>. A Crítica Genética vem cuidando em explorar esse “canteiro de obras”, buscando a configuração de um ideal estético, quando examina a lógica dos processos da criação a partir de elementos caoticamente dispersos na correspondência de um escritor. Diaz, no mencionado artigo, considerando a natureza particular do memorialismo epistolográfico, ainda crava o alerta na trilha de pesquisadores afoitos: deve-se “desconfiar da gênese ‘exibicionista’, mais ou menos truncada e encenada...”.

### 3. Atribuições.

Em 22 de março de 1944, pouco antes de uma cirurgia, Mário de Andrade redige uma carta-testamento ao irmão, Carlos. Na partilha dos bens culturais que “junt[ou] e ganh[ou]”, recorda-se, em primeiro lugar, da volumosa correspondência recebida, a qual destina a uma instituição acadêmica, devendo, contudo, “ser fechada e lacrada pela família e entregue para só poder ser aberta e examinada 50 (cinquenta) anos depois da [sua] morte”<sup>5</sup>. O gesto torna patente o zelo em preservar a intimidade de seus interlocutores, tanto quanto sinaliza a importância dos documentos para uma história da vida artística e intelectual brasileira na primeira metade do século XX.

Todavia, a relação de Mário de Andrade com a sua correspondência esteve marcada por tensões. Em 7 janeiro de 1940, na coluna “Vida Literária”, no *Diário de Notícias* do Rio de Janeiro, o escritor, de modo enviesado, antevê a possibilidade de difusão desses documentos da vida privada: “conscientemente ou não (em muitos conscientemente, como ficará irresponsavelmente provado quando se divulgarem as correspondências de algumas figuras principais do movimento), o Modernismo foi um trabalho pragmatista, preparador e provocador de um espírito inexistente então, de caráter revolucionário e libertário”<sup>6</sup>. Em contrapartida, em agosto de 1943, recusa-se a divulgar o conteúdo de cartas de seu acervo em uma antologia que o jovem jornalista Murilo Miranda preparava para a *Revista Acadêmica* do Rio de Janeiro, na homenagem ao amigo pelos seus 50 anos. Mário ressentia-se que o escritor, o artista, “pelo fato de ter uma vida pública, não pudesse ter uma vida particular!”; julga que “devia ser proibido a mostra pública de cartas particulares, por lei governamental”, lançando o anátema: “[...] declaro solenemente, em estado de razão perfeita, que quem algum dia publicar as cartas que possuo ou cartas escritas por mim, seja em que intenção for, é filho da puta, infame, canalha e covarde. Não tem noção da própria e alheia dignidade.”<sup>7</sup> Em outubro de 1944, Mário de Andrade anula essa drástica reprovação, autorizando Murilo a publicar missivas que remetera a Cecília Meireles. A documentação serviria para historiar o oferecimento da dedicatória que a poetisa fizera a Mário em soneto da série “Três motivos da Rosa”. Concorde com a divulgação, mas expressa o dissabor que experimentava: “Vá lá, publique as minhas cartas à Cecília, se quiser. Não sou antipático nessas coisas, me’irmãozinho, mas é orgânico: sinto um pudor incontestável de ver devassadas as coisas íntimas que me dizem por cartas, por dedicatórias, por conversas. Sou assim, e isso até é simpático. Não sou norteamericano, não uso vida pra anúncio, [...] gosto do meu silêncio. Mas se a Cecília

deixa e você quer, eu quero e deixo, no caso. Não há de fato inconveniente especial e determinante.”<sup>8</sup>

#### 4. Permanência.

Com a morte de Mário de Andrade, em 25 de fevereiro de 1945, a família cumpre o seu desejo, reservando a documentação epistolar na casa da rua Lopes Chaves, 546, Barra Funda paulistana. Oneyda Alvarenga, aluna e discípula de Mário, guardando fortes vínculos de amizade com os familiares dele, pôde dispor das cartas que ele lhe endereçara, retirando-as do conjunto; o mesmo se deu com a quase totalidade das missivas assinadas por “Tio Pio”, Pio Lourenço Corrêa, as quais passaram a ficar sob a guarda da prima em segundo grau do escritor, Gilda de Mello e Souza. Em 1968, as pastas e caixas com as cartas, agora lacradas, assim como manuscritos, livros, matéria extraída de periódicos, coleção de artes plásticas, objetos religiosos e etnográficos, foram adquiridos pela Universidade de São Paulo e incorporadas ao patrimônio do Instituto de Estudos Brasileiros. A partir dessa data, as séries documentais foram sendo processadas arquivisticamente, inclusive uma pequena parcela de mensagens deixadas fora do lacre: muitos cartões-postais, pequeno conjunto de cartas pessoais e correspondência burocrática (ligadas à atuação de Mário como diretor do Departamento de Cultura de São Paulo e consultor do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, por exemplo). Outras cartas (cópias e originais) com a assinatura do autor de *Macunaíma* foram sendo incorporadas ao acervo, provenientes de doações de seus correspondentes ou de familiares deles; de amigos e de estudiosos. Com a aproximação do término do interdito de Mário, aguçou-se a curiosidade de pesquisadores e de (muitos) jornalistas. Crescia desmesuradamente o mito em torno de um inexistente “baú” que devia esconder/guardar (mil e um) segredos e intimidades.

Entre 1989 e 2003, os projetos de organização e difusão eletrônica da Série Correspondência de Mário de Andrade, no IEB, sob a responsabilidade da Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Telê Ancona Lopez<sup>9</sup>, puderam definir quantitativamente os documentos epistolares presentes no arquivo do escritor até aquela data. Nessa fase, o acervo contava com 7.796 documentos, procedente de três sub-séries, a saber: *Correspondência passiva* (7.070 documentos), *Correspondência ativa*, (588 documentos) e *Correspondência de terceiros sob a custódia de Mário de Andrade* (138 documentos). Desse total, foram contabilizados, sob o lacre, nas respectivas séries, 5.771, 89 e 47 documentos. A

correspondência cobre um extenso arco temporal, sendo a primeira carta, endereçada pelo irmão Carlos Augusto Andrade, com data de 3 de fevereiro de 1914 e a última, oriunda do Museo Folkorico Provincial de Tucumã, em 9 de maio de 1946, mais de um ano depois da morte do polígrafo paulista. O *Catálogo da Série Correspondência de Mário de Andrade. Edição eletrônico* resultante da pesquisa<sup>10</sup>, atualmente no site [www.ieb.usp.br](http://www.ieb.usp.br), torna disponível informações substanciosas sobre as cartas do conjunto (resumo, descrição analítica dos documentos, índice onomástico etc), fornecendo dados bio-bibliográficos dos remetentes, com ampla iconografia (retratos, manuscritos, dedicatórias etc); traz listagem dos correspondentes, relação de obras e publicações periódicas que estampam cartas do escritor (as quais possibilitaram na pesquisa a produção de um índice cronológico das mensagens), bem como artigos e ensaios de interpretação da epistolografia mariodeandradiana.

O conjunto de cartas conservado por Mário de Andrade espelha um código de ética, para preservar a intimidade de seus interlocutores. Muitos são os exemplos: a supressão de uma palavra (ou pequena expressão) em missiva de Manuel Bandeira; rabiscos elidindo trechos de mensagens; a transcrição datilográfica de uma carta, retirando-se todos nomes citados, seguida da destruição do documento original, para que o caso de infidelidade conjugal nela narrada pudesse, talvez, interessar apenas a futuros historiadores da vida cotidiana. A pedido de Anita Malfatti, Mário rasga uma carta em que ela declarava seus sentimentos, mas não anula outra, acompanhada da mesma solicitação, na qual a pintora deixa suas impressões críticas negativas de uma exposição de Tarsila em Paris. Preza, assim, o segredo da amiga, mas resiste em privar a história do modernismo de um valioso confronto de percepções artísticas. Nessas escolhas vigoram o forte senso ético, aliado ao sentido de compromisso com o legado histórico do modernismo.

A Série Correspondência Mário de Andrade, reflete, principalmente, a intensa sociabilidade intelectual da vanguarda brasileira, testemunhando projetos artísticos individuais e coletivos; acolhendo debates políticos e culturais de grande amplitude. O escritor, aliás, considerava a carta no tempo modernista uma “forma espiritual de vida em nossa literatura”<sup>11</sup>. Nessa teia epistolar que abriga a literatura e língua, música e musicologia, artes plásticas e teorias artísticas, cinema, arquitetura, teatro entre outras áreas, Mário ocupa, certamente, papel central e centralizador. A possibilidade de reunião de sua obra epistolar suscitará, por certo, o interesse de pesquisadores de diversos campos do saber.

## 5. Dispersão.

Antonio Candido, em 1946, afirma no *Diário de São Paulo* que a correspondência de Mário de Andrade “encherá volumes e será porventura o maior monumento do gênero, em língua portuguesa; terá devotos fervorosos e apenas ela permitirá uma vista completa da sua obra e do seu espírito”<sup>12</sup>. Efetivamente, a partir de 1958, com as *Cartas de Mário de Andrade a Manuel Bandeira* (Rio de Janeiro, Organização Simões), organizado pelo destinatário, quase 30 livros<sup>13</sup> congregando missivas do escritor paulistano vieram a lume; muitas outras cartas, no mesmo período, e mesmo desde antes – Mário ainda vivo –, apareceram, esparsas, em jornais e revista nacionais e estrangeiros. Junte-se a essa expressiva bibliografia as cópias e rascunhos de mensagens no Arquivo de Mário de Andrade, assim como o vultoso número de documentos inéditos, tendo em vista o rol de correspondentes do escritor.

O previsto trabalho de organização editorial desses documentos, para uma posterior publicação (considerando-se a anuência dos herdeiros do escritor), pressupõe, primeiramente, a recuperação de manuscritos de cartas divulgadas em livros e periódicos, assim como de escritos epistolares inéditos, conservados em arquivos particulares e públicos no Brasil e no exterior. O resgate dessa documentação, sob a forma de manuscritos e fac-símiles (escaneados, fotografados ou microfilmados), definirá, em termos arquivísticos, a configuração de uma sub-série aberta, marcada pela instabilidade numérica, supondo-se que sempre se possa contar com futuras incorporação de inéditos. A doação de cartas de Mário ao IEB-USP, generosamente cumpridas por familiares dos correspondentes do escritor e por colecionadores, felizmente, vem se constituindo ação cada vez mais comum, tornando explícita a conscientização da importância da conservação dessa fonte documental primária e a sua franca disponibilização em uma instituição de pesquisa universitária. A pesquisa deve contemplar, ainda, o intercâmbio entre o IEB e instituições que possuem cartas de Mário de Andrade; estas fornecem fac-símiles de documentos assinados pelo escritor modernista e o projeto desenvolvido no IEB, em contrapartida, retribui com as cópias das cartas que completam o diálogo epistolar. Essa troca de fac-símiles (produzidos por meios técnicos não agressivos) poderá significar, para as instituições participantes, um enriquecimento não apenas do acervo, mas ainda a troca de experiências metodológicas e de reflexões teóricas em torno da epistolografia.

A consulta aos manuscritos torna-se essencial para que se determine um método consistente de transcrição da escrita rica em experimentalismos de Mário de Andrade e, ao mesmo tempo, promova a reconstituição de eventuais trechos suprimidos devido a “cautela” ou discrição (justificada ou não) dos diversos organizadores dos volumes<sup>14</sup>. Os percalços, já supostos, surgem efetivamente no tarefa inicial de recolha da correspondência publicada: cartas desaparecidas, documentos irreversivelmente danificados devido à conservação inadequada, a pouca disposição de alguns detentores dos papéis etc. Nesses casos, como a edição prevê, para cada carta, nota da pesquisa fixando o histórico das publicações dos documentos, a escolha do texto base recairá sobre o texto da edição em livro/periódico; em caso de carta propagada em mais de um suporte, apresentando diferenças, a pesquisa, escudando-se na crítica textual, buscará se aproximar, por hipóteses justificadas em notas, do texto do manuscrito (perdido, ou inacessível momentaneamente), tomando em consideração o conhecimento aprofundado da singularidade da linguagem literária e da prática epistolar mariodeandradiana.

## **6. Idiossincrasias.**

A obra de Mário de Andrade, em sua totalidade, caracteriza-se como esforço individual de estabelecimento de uma expressão literária brasileira. O “Prefácio interessantíssimo” de *Paulicéia desvairada* (1922), enquanto primeira súpula, projeto estético base das reflexões e intenções modernistas, já estabelece uma baliza linguística: “Escrevo brasileiro”. O escritor preocupa-se, a partir desse momento, apoiado na observação da realidade da língua falada e escrita no Brasil, assim como nos estudos de erudição, em enriquecer a sua expressão literária, com “termos locuções, sintaxes de povo”<sup>15</sup>. Incorpora, assim, à sua escrita, por meio de sistematizações, o léxico popular e o regional, o ritmo e a prosódia do falar nacional, processos neologizantes peculiares e uma sintaxe presa à expressão oral. De seu projeto linguístico pessoal, transgressor da norma culta, adveio uma abertura ilimitada para a criação literária posterior. Em contrapartida, legou aos futuros editores de sua obra espinhosos problemas filológicos e hermenêuticos. Todos aqueles que se propuseram a estabelecer edições fidedignas de sua vasta obra, enfrentaram uma linguagem riquíssima, conquanto heteróclita e cambiante. Sendo a carta um discurso em trânsito entre o escrito e o falado, entre o literário e o prosaico, a prática epistolar mariodeandradiana consumou-se como terreno fértil de experimentação linguística e

literária, a qual, nem sempre encontrou, na empreitada de transcrição, boa solução editorial.

Manuel Bandeira, na pioneira edição de cartas de Mário, em 1958, percebe “contradições estarrecedoras” na escrita do amigo, chamando-a de “indiscretamente pessoal”, de “artificialíssima” e “anárquica”. Opta, ao transcrever as cartas, por “respeitar a ortografia dos originais”, não sem antes se escusar por não ter obtido uma “perfeita fidelidade”. Os poucos manuscritos que restaram entre os que deram base ao livro, hoje no acervo do autor de *Libertinagem*, no Arquivo-Museu de Literatura Brasileira da Fundação Casa de Rui Barbosa, revelam, na realidade, um paradoxal respeito desatencioso. Há erros e não são poucos. Vão da infidelidade na transcrição aos descuidos de ordem ortográfica e de pontuação. As idiosincrasias linguísticas de Mário não são bem pesadas e o sentido chega muitas vezes a ser mutilado<sup>16</sup>.

A transcrição “diplomática” (“rigorosamente conservadora”), “paleográfica”, ou “interpretativa”, em moldes científicos<sup>17</sup>, ainda não foi levada a cabo, em relação à epistolografia de Mário de Andrade. Esse tipo de edição, embora possa interessar a filólogos e estudiosos da língua portuguesa, em perspectiva histórica, por certo afasta o leitor comum e mesmo estudantes de Letras (como já pode observar em sala de aula). Afirma-se, cada vez mais, entre pesquisadores e editores, a inclinação para atualizar a linguagem epistolar de Mário de Andrade; no caminho de uma “edição modernizada”, o ponto nevrálgico situa-se na correta caracterização das particularidades linguísticas da carta que devem ser preservadas nas páginas do livro, para que o projeto estético do escritor não seja solapado. Em 2000, a “Coordenação editorial” da Coleção Correspondência de Mário de Andrade<sup>18</sup> – projeto editorial do IEB/EDUSP, que prevê a reconstrução de diálogos epistolares do escritor –, definiu, preliminarmente, um conjunto de dezesseis “Normas para o estabelecimento do texto”<sup>19</sup> que norteariam os volumes da série iniciada pela correspondência recíproca Mário de Andrade e Manuel Bandeira. Nesses tópicos, em síntese, defende-se a atualização ortográfica das mensagens, o respeito à pontuação original (tendo em mente a diferença entre “lapso na escritura” e desejo de “expressividade”) e a permanência de formas idiossincráticas dos missivistas; sinaliza-se uma proposta editorial no que tange à forma de tratamento de nomes próprios; de citação de obras; de palavras em língua estrangeira; propõe soluções gráficas que possam transpor no livro aspectos lúdicos da carta; define sinais de intervenções do organizador no texto etc.

Permeáveis a ajustes, essas “normas” puderam se modificar, ao acolher a sugestão do professor e crítico de arte, Jorge Coli. Em sua resenha dedicada ao primeiro livro da coleção, argumenta: “Privar o leitor do texto em estado original é um empobrecimento. Vai aqui um pequeno exemplo: a edição dessa *Correspondência* decidiu desfazer abreviações como ‘v.’ (você), ‘mto’ (muito) “ex.” (exemplo), porque são flutuantes. Temos assim sistematizado algo que não o era de início. Mantidas, as abreviações sugeririam, quando empregadas, urgência, aceleração na escrita, compatível com um pensamento mais febril. Pode parecer coisa pequena. Não é, ainda mais no caso de Bandeira e de Mário de Andrade, em suas cartas apressadas ou calmas, às voltas com um projeto de língua brasileira moderna”<sup>20</sup>

## **7. (I)materialidade.**

Uma carta, para ser compreendida de maneira mais abrangente em uma pesquisa, deve ser tomada dentro de um contexto histórico e emocional. A mensagem epistolar não é apenas um assunto, mas uma (sutil) estratégia de persuasão. Para além do diálogo primeiro constituído, qualquer outro leitor terá sempre dificuldade em apreender tudo aquilo que vai nas entrelinhas da carta. O sentido da mensagem e o processo da escritura se fundem, como pode ser observado, com bastante clareza, em cartas de amor. Escreve Jean-Philippe Arrou-Vignod em *Le discours des absents*: “[...] toda carta é o seu próprio rascunho. Ao contrário de um trecho de prosa de ficção, polido e homogêneo, a carta conserva o aspecto bruto do primeiro jato de escrita.// [...] Observando a sua extensão, hesitações e rasuras, o apaixonado reconhece a verdadeira carta [...]. O caminho da escrita epistolar costuma ser sinuoso; vê-se a pluma engasgar-se, tornar-se lânguida, enrijecer-se, alternadamente. Fantasmas de idéias nele passeiam, distrações, ausências... O assíndeto que afrouxa os laços e o anacoluto (ou a desordem sintática), estes dois exemplares de flores da paixão, vicejam livremente no percurso. O que um trabalho de releitura faria desaparecer em outros textos, na carta se expõe inteiramente: vê-se o movimento desordenado das emoções, a sucessão de arrebatamentos, quedas e escorregões, assim como de súbitas expressões de orgulho e humilhação...// Toda carta é um pequeno eletrocardiograma. As menores palpitações da alma, seus abalos, seus cataclismos são nele registrados, crivando de cumes e de vales profundos o traçado da pluma. Quem, então, inventará, para medir essas variações, a escala Richter da paixão?”<sup>21</sup>

A sondagem da carta presume a cuidadosa apreensão dessa “imaterialidade” (significados implícitos, sugestões e não-ditos) que mobiliza o afeto escrito, alimentado pela distância. José-Luís Diaz, complementa, no mesmo sentido: “O leitor de cartas é, então, naturalmente semiólogo, psicólogo, grafólogo e... geneticista [de crítica genética]. Pois a carta encerra muito frequentemente marcas de hesitação, de correções, de lapsos, de mudanças de tinta ou de mãos que nos permitem comparar duas versões da mesma carta, a intencional e a real: de uma parte, o projeto semântico-pragmático do destinatário, tal qual é possível reconstituí-lo a partir da carta real; de outra, a realidade – mais misturada, menos perfeita – de sua efetivação gráfico-semiológica, que comporta com frequência marcas pulsionais.”

Toda esta (i)materialidade da carta estaria irremediavelmente perdida quando transportada para as páginas de um livro? A projetada *Correspondência reunida* do criador de Macunaíma, do mesmo modo que a *Coleção Correspondência Mário de Andrade*, pretende inserir, em nota da edição, a descrição física das cartas: características do papel (timbre, monograma, cor, filigrana, dimensões etc), da escrita (autógrafo, datiloscrito, cópia carbono etc), as intervenções no documento (rasgamentos, anotações do remetente e do destinatário etc). Como edições fac-similares ainda se mostram (mercadologicamente) inviáveis no Brasil, a descrição dos documentos (em termos técnicos) pode dar ao leitor uma idéia dos significados que vigoram no suporte da carta. Mensagens em “papel de pão”<sup>22</sup>, em folhas de luxo, em impressos de hotéis ou em qualquer papelucho ao alcance da mão, demandam uma compreensão mais ampla da práxis epistolar. A descrição proposta, enfim, ensina que o livro de cartas, diferente do livro de ficção ou de poemas, é objeto vicário que não logra apreender inteiramente a seiva que circula na carta-objeto, espaço no qual emerge a carta-texto.

## 8. Escolta.

Levando-se em conta o amplo espectro de leitores interessado em edições de cartas de escritores, artistas e personalidades da cultura, não se pode imaginar hoje a produção de um volume de correspondência que não traga notas de pesquisa, assinadas por um organizador que conheça bem as personalidades envolvidas e o entorno dos documentos reunidos no livro. Como a carta possui um discurso elíptico (o remetente pressupõe que o destinatário tenha as mesmas referências sociais e afetivas), cabe ao organizador fornecer subsídios para um bom aproveitamento do

texto epistolar. O que não significa cercear a liberdade do leitor de constituir ligações entre o texto e a história, entre o que se lê na carta e as referências por ele conhecidas, mas colaborar na construção de um sentido mais abrangente. Fornecer dados sobre pessoas citadas, obras discutidas, dados culturais mencionados, ajuda bastante; as novas gerações também não mais reconhecem expressões de época como “miquiado” (sem dinheiro), “isso é pau” (desagradável), “isso é da pontinha” (bom), “isso é uma bola” (engraçado) etc.

Colette Becker, pesquisadora da Equipe Emile Zola do Instituto de Textos e Manuscritos Modernos da França, participante do projeto franco-canadense de edição da correspondência do autor de *Germinal*, em “Le discours d’escorte: l’annotation et ses problèmes (à propos de la correspondance de Zola)”, define uma estratégia de anotação, conjugando ao aparato descritivo (informações sobre a materialidade dos documentos), as notas “explicativas”. Estas pretendem “esclarecer” o texto, em três níveis: linguístico, informativo (biografia, bibliografia, história, geografia etc) e a “integração da carta em seu *hors-texte*”, ou seja, “a relação da carta com outros textos” e a “relação da nota com outras notas, com a finalidade de integrá-la em um conjunto discursivo”. Recusa-se, contudo, análises, explorações temáticas e interpretações, que bem melhor estariam no prefácio/ensaio do organizador das cartas. O procedimento definido como “belle note”, expressão que poderia talvez ser traduzida por “nota ambiência”, serve de modelo de anotação para a *Correspondência reunida* de Mário de Andrade, método (com ajustes) já posto em marcha na *Correspondência Mário de Andrade & Manuel Bandeira*.

Esse tipo de anotação, “discurso de acompanhamento”, como se vê, busca recriar, à margem da ordenação cronológica das cartas, um espaço biográfico e histórico-literário. Assim, ao mesmo tempo que referências pontuais ou obscuras (nomes, lugares, menção a publicações de difícil acesso) são elucidadas, o leitor pode perceber a biografia do escritor sendo fragmentariamente construída<sup>23</sup>. Nesse sentido, se um bilhete apenas deixa entrever uma discussão do autor com o editor, a nota poderá recuperar extensamente os fatos do quiproquó, trazendo para o rodapé um trecho de vida. Colette Becker, por fim, adverte futuros organizadores de correspondência para o tênue fio entre o uso e o abuso deste tipo de anotação: “O perigo é obscurecer (*écraser*) o texto epistolar com informações e interpretações, deixar-se levar pelas descobertas que resultaram de longas horas de pesquisa [e acabar fazendo] uma edição de notas... e não mais de cartas.”

Recebido para publicação em maio de 2009.

Aprovado para publicação em junho de 2009.

## Notas

- 
- <sup>1</sup> “La lettre, par définition, c’est un partage. Elle a plusieurs aspects: c’est un objet (qui s’échange), un acte (qui met en scène moi, lui, et d’autres), un texte (qu’on peut publier)...” LEJEUNE, Philippe. *Pour l’autobiographie: chroniques*. Paris: Seuil, 1998, p. 76.
- <sup>2</sup> Se a tecnologia digital modificou substancialmente aspectos materiais da comunicação escrita, o *e-mail* ainda assim está sujeito a normativas (“netiqueta”), a valorações implícitas na escolha de um determinado provedor da internet e ao funcionamento do correio eletrônico (condições de acesso, senha).
- <sup>3</sup> DIAZ, José-Luis. “Qual genética para as correspondências?” (trad. Cláudio Hiro e Maria Sílvia Ianni Barsalini). *Manuscrita: revista de Crítica Genética*, 15. São Paulo: Associação de Pesquisadores de Crítica Genética /Humanitas, 2007, p. 119-162.
- <sup>4</sup> “Madrigal tão engraçadinho” (*Libertinagem*): “Teresa, você é a coisa mais bonita que eu vi até hoje na minha vida, inclusive o porquinho-da-índia que me deram quando eu tinha seis anos”. BANDEIRA, Manuel. *Libertinagem – Estrela da manhã*. Edição crítica de Giulia Lanciani. Paris: Archivos/ALLCCA XX, 1998, p. 39.
- <sup>5</sup> ALVARENGA, Oneyda. “Mário de Andrade e a morte”. Em *Mário de Andrade, um pouco*. Rio de Janeiro: José Olímpio, 1974, p. 32.
- <sup>6</sup> V. ANDRADE, Mário de. “Modernismo”, em *O empalhador de passarinho*. 3.ed. São Paulo: Martins, 1972, p. 187-188.
- <sup>7</sup> Carta a Murilo Miranda, 19 ago. 1943. *Cartas a Murilo Miranda*. 1934/1945. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981, p. 157-158.
- <sup>8</sup> Carta a Murilo Miranda, 1 out. 1944. Op. cit., p. 173.
- <sup>9</sup> *Organização da Série Correspondência de Mário de Andrade*, Auxílio Pesquisa FAPESP e VITAE, 1989-94; *Catálogo da Série Correspondência de Mário de Andrade*, Auxílio Pesquisa VITAE, 1995-96. *Preparo para publicação do Catálogo da Série Correspondência de Mário de Andrade*, Auxílio Pesquisa VITAE, 1996-97. *Preparo para publicação do CD-ROM da Série Correspondência de Mário de Andrade*, Auxílio Pesquisa VITAE, 2000-3. Cf. a descrição detalhada das etapas da pesquisa e de sua fundamentação teórico-metodológica em <http://www.ieb.usp.br/index.asp?categ=1&mario=1&subcateg=1&topico=43&inicial=0>.
- <sup>10</sup> Supervisão da pesquisa: Telê Ancona Lopez. Coordenação e preparo: Telê Ancona Lopez, Tatiana Maria Longo dos Santos e Marcos Antonio de Moraes. Programador: Patrick Josef Levy – Ômicron. Entidade financiadora do Projeto: VITAE: Apoio à Cultura, Educação e Promoção Social. IEB-USP.
- <sup>11</sup> Mário de Andrade, “Amadeu Amaral” (24-XII-1939), *O empalhador de passarinho*. Ed. cit., p. 183.
- <sup>12</sup> CANDIDO, Antonio. “Mário de Andrade”. Coluna “Notas de Crítica Literária”. *Diário de São Paulo*, São Paulo, 21 fev. 1946. Artigo reproduzido em *O observador literário* (1ª ed., 1959), “Lembrança de Mário de Andrade”. 2. ed *Brigada ligeira e outros escritos*. São Paulo: Editora da Unesp, 1992.

- <sup>13</sup> Para uma bibliografia da atualizada até 2007, cf. MORAES, Marcos Antonio de. *Orgulho de jamais aconselhar: a epistolografia de Mário de Andrade*. São Paulo: Edusp/Fapesp, 2007, p.233-238.
- <sup>14</sup> Paradigmática dessa postura é a seguinte declaração de Manuel Bandeira: “Possuo cartas de Mário indevassáveis devido à intimidade das confidências [...] ou à rudeza de certos juízos pessoais [...]. Nas [cartas] que aqui se vão ler, cartas tão esclarecedoras da obra de Mário, da sua maneira de trabalhar, da sua visão, tão pessoal, da vida e da literatura, da música e das artes plásticas, uma ou outra passagem seria indiscreto revelar sem a cautela de alguns cortes. Assim procedendo, atendo à confiança com que o grande poeta escreveu e me mandou tantas páginas admiráveis, muitas não inferiores às melhores que publicou em livro” (V. “Anexo I, ‘Prefácio’” em ANDRADE, Mário de; BANDEIRA, Manuel. *Correspondência*. Org. Marcos Antonio de Moraes. São Paulo: Edusp/IEB, 2000, p.680.)
- <sup>15</sup> V. transcrição de nota manuscrita de Mário de Andrade nas margens do exemplar de *Amar, verbo intransitivo* que se constituiu espaço de debate com o parente e fazendeiro de Araraquara, Pio Lourenço Corrêa. MENDES, Marlene Gomes. “Diálogo Mário e ‘Tio Pio’”. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, 36. São Paulo, 1994, p. 201.
- <sup>16</sup> Alguns exemplos de transcrição problemática, observados em livros que reúnem cartas de Mário de Andrade podem ser vistos em MORAES, Marcos Antonio de. “Mário de Andrade: cartas e critérios de publicação”. III Encontro de Ecdótica e Crítica Genética. João Pessoa: Ideia, 1993, p.195-200.
- <sup>17</sup> V. CAMBRAIA, César Nardelli. *Introdução à crítica textual*. São Paulo: Martins Fontes, 2005, p. 93-102.
- <sup>18</sup> A Coordenação Editorial da Coleção é composta pelos professores José Aderaldo Castello, Marcos Antonio de Moraes e Telê Ancona Lopez; a revisão especializada da transcrição das cartas de Mário de Andrade na Coleção vem sendo cumprida por Tatiana Longo Figueiredo, doutoranda em literatura brasileira na FFLCH-USP.
- <sup>19</sup> ANDRADE, Mário de; BANDEIRA, Manuel. *Correspondência*. Ed. cit., p. 733-734.
- <sup>20</sup> COLI, Jorge. “O envelope aberto”, *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 20 ago. 2000.
- <sup>21</sup> ARROU-VIGNOD. Jean-Philippe. *Le discours des absents*. “Correspondances”, Paris: Gallimard, 1993, p. 44-5. Tradução minha.
- <sup>22</sup> Escreve Manuel Bandeira a Mário de Andrade em 13 de setembro de 1926: “Imagine que o meu bloco acabou e eu estou sem papel em casa. Por isso lancei mão do papel em que veio embrulhado o meu pão! É que não quero demorar resposta à sua carta de ontem.” ANDRADE, Mário de; BANDEIRA, Manuel. *Correspondência*. Ed. cit., p. 326.
- <sup>23</sup> BECKER, Colette. Le discours d’escorte: l’anotation et ses problèmes (à propos de la correspondance de Zola)” in FRANÇON, André; GOYARD, Claude (orgs). *Le correspondance inédites*. Paris: Economica, 1984, p.117-129.